



**EIXO TEMÁTICO:**

- |   |  |  |
|---|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade      | <input checked="" type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania          |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade     | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade                 | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade |  |  |

## **Novas fontes documentais no contexto da historiografia da arquitetura moderna**

*New documentary sources in the context of the historiography of modern architecture*

*Las nuevas fuentes documentales en el contexto de la historiografía de la arquitectura moderna*

CAMARGO, Mônica Junqueira de. Professora Associada, Universidade de São Paulo,  
USP – PPG, São Paulo, SP, Brasil, e-mail: junqueira.monica@usp.br

## **Novas fontes documentais no contexto da historiografia da arquitetura moderna**

*New documentary sources in the context of the historiography of modern architecture*

*Las nuevas fuentes documentales en el contexto de la historiografía de la arquitectura moderna*

### **RESUMO**

As obras selecionadas para este debate, projetadas e executadas na região central da cidade de São Paulo, entre as décadas de 1920 a 1950, e as suas sucessivas transformações e ou abandono ao longo do tempo, suscitam uma oportuna revisão da historiografia da arquitetura paulistana, conseqüentemente da brasileira, bem como dos parâmetros de patrimônio histórico. De reconhecidos arquitetos, com destacada participação no cenário arquitetônico nacional, essas obras integram importante conjunto de bens culturais, cuja análise contribui para o resgate de manifestações obliteradas e para um melhor delineamento da complexidade do movimento moderno paulistano do ponto de vista programático, tecnológico e plástico. Ausentes das principais referências bibliográficas panorâmicas da história da arquitetura brasileira, os edifícios analisados neste simpósio são documentos importantes das conquistas no campo das artes, na conformação e transformação das cidades, no avanço das técnicas construtivas, nas relações de trabalho e nos modos de viver de uma sociedade, e como tais pretendemos perscrutá-las, extraindo delas o substrato histórico que possa contribuir para a revisão da própria história paulistana.

**PALAVRAS- CHAVE:** arquitetura moderna; historiografia; arquitetura paulista.

### **ABSTRACT**

*The works selected for this debate, were designed and executed in São Paulo downtown, between 1920 and 1950. Successive transformations and or abandonment over time, raise a timely review of the historiography of architecture in São Paulo, consequently the Brazilian, and the parameters of historical heritage. These buildings, designed by recognized architects with outstanding participation in the national scene, are part of important set of cultural goods, whose analysis contributes to the recovery of forgotten manifestations and to the mapping of the complexity of modern São Paulo movement, under programmatic, technological and plastic point of view. Although absent from the main references of the history of Brazilian architecture, the buildings analyzed in this symposium are important documents of the achievements in the arts, in shaping and transforming cities, in advance of construction techniques, in labor relations and ways of living of a society, and as such we intend to scrutinize them, extracting their historical substrate that may contribute to revision of São Paulo's history itself.*

**KEY WORDS:** modern architecture; historiography; São Paulo City Architecture.

### **RESUMEN**

*Las obras seleccionadas para este debate, diseñados y ejecutados en la región central de São Paulo, entre 1920 y 1950 y sus sucesivas transformaciones o abandono y el paso del tiempo, formar una revisión oportuna de la historiografía de la arquitectura en São Paulo, en consecuencia, la de Brasil, y los parámetros de patrimonio histórico. Arquitectos reconocidos con destacada participación en la escena arquitectónica nacional, estas obras forman parte del importante conjunto de bienes culturales, cuyo análisis contribuye a la cartografía de la complejidad de la moderna punto programático movimiento São Paulo de vista tecnológico y plástico. Aunque ausente de las principales referencias de la historia de la arquitectura brasileña, los edificios analizados en este simposio son documentos importantes de los logros en las artes, en la elaboración y la transformación de ciudades, antes de que las técnicas de construcción, en las relaciones de trabajo y formas de vida de una sociedad, y como tal, tenemos la*



*intención de examinar ellos, extraerlos sustrato histórico que puede contribuir a la revisión de la historia de São Paulo en sí.*

**PALABRAS LLAVE:** *arquitectura moderna; historiografía; arquitectura de São Paulo.*

## 1. Introdução

A cidade de São Paulo, uma das maiores metrópoles mundiais, vive em constante expansão e renovação de seu território, que traz para primeiro plano a complexidade da preservação de seu patrimônio cultural. O embate intenso e conflituoso entre demolição e construção impõe com urgência a identificação de seus bens arquitetônicos, muitos ainda hoje desconhecidos ou não suficientemente inventariados, conseqüentemente não integrados à história, cujo estudo pode revelar aspectos inéditos da cidade de São Paulo e da arquitetura da primeira metade do século 20. A pesquisa em fontes primárias permite resgatar do objeto em estudo a sua relação com o contexto em que se insere e sua participação no processo histórico.

Apesar do volume de obras realizadas e da reconhecida contribuição dos arquitetos paulistas ao desenvolvimento da cultura arquitetônica brasileira e das dezenas de escolas de arquitetura no estado de São Paulo que formam anualmente centenas de profissionais e pesquisadores de arquitetura, não há, até hoje, um panorama historiográfico centrado na sua trajetória ao longo dos séculos que dê conta de sua produção e nos manuais de arquitetura brasileira quase sempre a produção paulista aparece em posição secundária, subjugada à produção do nordeste e da região de Minas, quando se trata da produção colonial e à carioca quando o tema é arquitetura moderna. Ainda que nos trabalhos mais recentes se verifique uma maior atenção à produção paulista, a sua inserção em um quadro mais amplo acaba por obliterar algumas contribuições, que para uma primeira seleção podem não ser relevantes, mas igualmente importantes para a consolidação do conhecimento arquitetônico.

A história da arquitetura brasileira passou a despertar algum interesse editorial somente depois da segunda metade do século XX, apesar da constante presença na imprensa diária, especialmente no final da década de 1920 e nos primeiros anos de 1930, quando se travou o debate sobre a arquitetura moderna. A partir da criação dos cursos de pós-graduação, na década de 1970, com a sistematização das pesquisas, é possível constatar-se a consolidação de uma produção editorial nacional. O incremento da investigação acadêmica e dos órgãos de preservação tem propiciado uma ampliação de recortes e um aprofundamento de temas, responsáveis pela recuperação de obras esquecidas ou mesmo desconhecidas, e por uma nova compreensão sobre a dimensão histórica da arquitetura. Rever a historiografia da arquitetura paulista a partir de investigações recentes, especialmente as fundamentadas em fontes primárias, abre possibilidades de novas leituras dessa arquitetura e de sua relação com o panorama nacional e internacional.

No período de quase um século, entre 1880 e 1970, foi possível identificar a existência de apenas vinte e dois títulos relativos à arquitetura brasileira, dos mais variados teores: tratado prático, catálogo de exposição, coletâneas de artigos e textos monográficos, entretanto, com dois temas preponderantes: o barroco e o moderno. Na verdade, até 1940, foram publicados apenas dois livros, *Vinhola brasileiro: novo manual practico do engenheiro, architecto, pedreiro, carpinteiro, marceneiro e serralheiro* de Cesar de Rainville (1880), e *Estylo Colonial*



*brasileiro. Composições architectônicas de motivos originais* (1927) de Felisberto Ranzini. A partir de então há um crescimento lento e progressivo, sendo a maior incidência na década de 1950, quando foram publicados nove títulos. A estagnação na década seguinte não pode ser justificada apenas pelo cerceamento das ideias deflagrado pela rígida censura imposta durante o período da ditadura militar, pois, na década de 1970 - período de maior repressão política - foi possível verificar, em um rápido levantamento, o mesmo número de publicações que o longo período analisado, conforme as listas a seguir. Ou seja, em uma década publicou-se igual ou mais livros do que em um século.

Publicações sobre arquitetura brasileira no período de 1880-1970

- 1880 – O vinhola Brasileiro - Cesar de Rainville
- 1927 - Estylo Colonial brasileiro. Composições architectônicas de motivos originais.
- 1943 - Brazil Builds
- 1940 - Rino Levi, arquiteto / obras 1928 -1940. prefácio Goffredo da Silva Telles
- 1944 – Documentário Arquitetônico. José Wash Rodrigues.
- 1950 – The work of Oscar Niemeyer. Stamo Papadaki
- 1951 - Subsídios para o estudo da arquitetura religiosa em ouro preto. Paulo Santos.
- 1952 - Arquitetura brasileira. Lúcio Costa.
- 1953 - Architettura italiana a San Paolo - Anita Salmoni e Emma Debenedetti
- 1955 – Latin American Architecture since 1945. Henry-Russel Hitchcock.
- 1956 – Works in progress. Stamo Papadaki
- 1956 – Modern Architecture in Brazil – Henrique Mindlin
- 1956 – Vila Rica – Silvio Vasconcellos
- 1958 – L'Architecture religieuse au Brésil - Germaine Bazin
- 1960 – Affonso Eduardo Reidy – Bauten und Projekte. Klaus Frank e Sigfried Giedion
- 1962 – Sobre Arquitetura – Lúcio Costa org. de Alberto Xavier
- 1965 – Warchavchik e a introdução da nova arquitetura no Brasil: 1925 a 1940.
- 1965 - Quatro séculos de arquitetura. Paulo Santos. Editado em 1977.
- 1968 – Barroco Mineiro – Lourival Gomes Machado
- 1969 – Notas sobre arquitetura tradicional de São Paulo. Carlos Lemos.
- 1970 – Quadro da Arquitetura brasileira – Nestor Goulart Reis Filho

Produção da década de 1970 (23)

- 1971 - Memória e tempo das igrejas de São Paulo. Diana Dorothea Danon e Leonardo Arroyo
- 1971 - L'Architecture contemporaine au Brésil - Yves Bruand
- 1974 - Rino Levi. Nestor Goulart Reis Filho (introdução).
- 1974 - São Paulo, "Belle Époque". Benedito Lima de Toledo e Diana Danon.
- 1974 - São Paulo, sua arquitetura, colônia e império. Renée Lefèvre, Carlos A. C. Lemos
- 1975 - A herança mourisca na arquitetura brasileira. Eduardo Kneese de Mello.
- 1975 - Vale do Paraíba, velhas fazendas. Tom Maia e Sergio Buarque de Holanda.
- 1975 - O Metrô de São Paulo. Diane Dorothea Danon, Marcello Fragelli.
- 1975 - Paraty. Tom Maia e Thereza Regina de Camargo Maia
- 1975 - Henrique Ephim Mindlin: o homem e o arquiteto. YOSHIDA, Celia B. Yoshida e outros.
- 1976 - Do Rio a Santos. Tom Maia e Thereza Regina de Camargo Maia
- 1976 - Casas Bandeiristas: Nascimento e reconhecimento da Arte em São Paulo. J.R. Katinsky.
- 1976 - Arquitetura, Industrialização e Desenvolvimento. Paulo J. V. Bruna



- 1977– Quatro séculos de arquitetura. Paulo Ferreira Santos  
1977 - Vale do Paraíba. velhas Cidades. Tom Maia. Thereza Regina de Camargo Maia  
1977 - Arquitetura brasileira. Carlos A.C. Lemos  
1978 - Arquitetura no Brasil: Depoimentos. Abelardo de Souza.  
1978 - Arquitetura Italiana em São Paulo - Anita Salmoni e Emma Debenedetti  
1978 - Cozinhas, etc. Carlos A. C. Lemos  
1978 - Morada Paulista. Luís Saia  
1978 - Recife & Olinda. Tom Maia  
1978 - São João del Rei & Tiradentes. Tom Maia  
1979 - Arquitetura e Expressionismo: o modernismo e Flávio de Carvalho. Luiz C. Daher.

À primeira vista chama-nos a atenção, que dos vinte e dois títulos publicados entre 1890 e 1970, sete estão em língua estrangeira, permitindo-nos uma suposição de que o estudo da produção nacional não era um tema de relevância nas nossas escolas, ou que os alunos dessa época dominavam o inglês, o francês e o alemão; sete desses textos são sobre a produção colonial, sete sobre a produção e arquitetos modernos; quatro panorâmicos do desenvolvimento da arquitetura brasileira e dois sobre um panorama mais amplo, integrando a produção nacional na história da arquitetura; e três coletâneas de artigos de jornal e de periódicos.

A distinta relação entre os textos e a produção prática dos dois movimentos mais abordados abre uma questão. A produção de projetos de inspiração neocolonial deflagrada pela palestra de Ricardo Severo - *A arte Tradicional no Brasil: a Casa e o Templo* proferida na Sociedade de Cultura Artística em 1914 - teve seu pico nas décadas de 1920 e 1930, quando provocou muitas manifestações na imprensa, adentrando até os anos de 1950, enquanto a maioria dos textos sobre a arquitetura do período colonial - inspiradora dos projetos neocoloniais -foi publicada nos anos de 1950, quando o neocolonial já era abertamente contestado. O esforço empreendido por Ricardo Severo na recuperação da arquitetura colonial, contratando nos anos de 1920 José Wash Rodrigues para o levantamento e registro da produção arquitetônica das cidades mineiras, que resultou em seis volumes de desenhos de elementos construtivos - intitulado *Documentário Arquitetônico*, só se tornou público em 1944, quando o neocolonial já disputava com a arquitetura moderna, inclusive no campo editorial, conforme lista acima. Os estudos sobre a arquitetura colonial, especialmente a arquitetura religiosa barroca, tais como: *Subsídios para o estudo da arquitetura religiosa em Ouro Preto* (1951), de Paulo Santos, *Vila Rica*(1956) de Silvio Vasconcellos e *L'Architecture religieuse au Brésil* (1958) de Germaine Bazin apresentam clara preocupação histórica, de compreensão do significado dessa arquitetura no contexto de sua época, sendo o último, o de Bazin, uma tentativa de inserção do barroco mineiro no âmbito da produção internacional.

Já os títulos sobre a produção moderna são praticamente simultâneos à produção prática, sugerindo mais uma difusão do trabalho dos arquitetos do que uma análise histórica, que se tornaram com o passar dos anos importantes referências da história da arquitetura. O catálogo *Rino Levi, arquiteto / obras 1928 -1940*, com prefácio de Goffredo da Silva Telles, é relativo a uma pequena parcela de produção, que se estendeu progressivamente até 1962 quando faleceu, e que suscitou outra publicação em 1974, essa de caráter histórico e em italiano. A primeira monografia - *The work of Oscar Niemeyer*, de 1950, sobre a obra inicial

desse arquiteto, por Stamo Papadaki certamente contribuiu para a divulgação de seu talento, reconfirmada seis anos mais tarde por uma segunda publicação - *Works in progress*. O fato de terem sido escritas em inglês por um arquiteto e crítico radicado nos Estados Unidos e com uma atuação em postos estratégicos, facilitou a inserção de Niemeyer no panorama da arquitetura internacional. Papadaki foi autor de vários projetos nos Estados Unidos, incluindo um pavilhão na mesma Feira internacional de Nova York, onde Oscar Niemeyer projetou com Lúcio Costa o Pavilhão do Brasil, e integrou a Comissão de Arquitetura do MOMA no período de 1938-1946, quando aconteceu a exposição sobre a arquitetura brasileira (1943), cujo catálogo *Brazil Builds - Architecture New and Old* consagrou a arquitetura brasileira no panorama nacional e internacional. O arquiteto moderno com o maior conjunto de obras apresentadas é Oscar Niemeyer: a Obra do Berço, MESP, conjunto da Pampulha, e as duas residências: Cavalcanti e a sua da Gávea, ambas de 1942. Coincidências e acasos não criam talentos, mas podem ser decisivos nas trajetórias profissionais e na repercussão de projetos.

O fato é que, *Brazil Builds* cumpriu importante papel no desenvolvimento da arquitetura brasileira. Unanimemente reconhecida como decisiva para a divulgação da arquitetura moderna nacional, esse catálogo contribuiu para difundir também a arquitetura do período colonial, à qual são dedicadas 79 das 195 páginas do livro, com especial atenção às casas rurais e às Igrejas barrocas, cujo maior destaque é Aleijadinho. Como o próprio título anuncia: *arquitetura antiga e nova*, há um salto da produção colonial para a moderna. A arquitetura eclética do final do século 19 e início do século 20, só comparece como ilustração de um desvio daquilo que de bom foi produzido na nossa arquitetura:

"A Avenida Rio Branco, na capital federal, ostenta a sua grande biblioteca, um museu, um magestoso(sic) teatro e o Palácio Monroe, antiga sede do Senado. Talvez seja melhor não falar neles. Aparentam uma imponência de acordo com os grupos estatuários monumentais que os circundam. Rio de Janeiro, como Washington, foram vítimas da mania internacional do carregado à Palladio. A correção acadêmica se preferiu a uma arquitetura viva e adequada à terra e o efeito pretensioso e pesado só encontrava igual na sua esterilidade.

O caso porém teve um bom fim. Poucos anos decorridos e, quasi (sic) da noite para o dia, a encantadora cidade curou-se dessa doença, começando a ver melhor as vantagens de uma arquitetura de acordo com a vida atual e com a moderna técnica construtora." (GOODWYN: 1943:25)

Essa leitura de Goodwyn do panorama da arquitetura brasileira, com visível preconceito à arquitetura eclética, certamente orientada pelos nossos intelectuais da época, será recorrente nas narrativas historiográficas a partir de então, que só com o advento do pós-modernismo e mais recentemente com as investigações acadêmicas é que começou a ser revista.

Inspirado no sucesso desse catálogo do MOMA, que atingiu a terceira edição, para surpresa do próprio museu, Henrique Mindlin escreveu, em 1956, *Modern Architecture in Brazil*, publicado em inglês, francês e alemão, mas não em português, fato que corrobora a ideia de que não foi escrito para o debate nacional e sim para difundir suas obras no exterior, na sequência daquelas de *Brazil Builds*. O prefácio de Giedion deixa transparecer seu espanto com a quantidade e qualidade da produção moderna no país naquela época: "*Como explicar que a Finlândia e o Brasil, que tanto tempo se mantiveram na periferia da civilização, tenham alcançado um nível tão alto em matéria de arquitetura?*" Com atenção especial às obras

modernas do período 1937 a 1955, Mindlin discorre sobre a produção brasileira do período colonial à década de 1950, com assumido desprezo pelo ecletismo:

"A partir do meado do século XIX, encontravam-se lado a lado, no Brasil, como em outras partes do mundo, "o modesto estilo toscano, o gótico imponente, o belo mourisco, ou o elegante chalet. (...) Mas o exagero, que pode ser visto em vários edifícios até hoje existentes, acabou sendo o seu destino lógico." (MINDLIN:1956:25)

Dessa produção editorial de um século, apenas dois outros arquitetos, além de Rino Levi e Oscar Niemeyer, foram contemplados por uma monografia: *Affonso Eduardo Reidy. Bauten und Projekte*, de Klaus Frank e Sigfried Giedion de 1960 e *Warchavchik e a introdução da nova arquitetura no Brasil: 1925 a 1940*, de Geraldo Ferraz de 1965. O primeiro, fruto do reconhecimento da qualidade de sua obra, nunca foi traduzido para o português. Reidy só mereceu uma edição nacional em 2000, apesar de ter sido tema de vários trabalhos acadêmicos. O livro escrito por Geraldo Ferraz com o objetivo de afirmar o pioneirismo de Warchavchik na implantação da arquitetura moderna é parte da polêmica travada entre ele e Lúcio Costa, sobre o real introdutor da arquitetura moderna no país que, entretanto, não conseguiu reposicioná-lo no quadro da arquitetura brasileira. Sua contribuição continuou limitada, nos panoramas históricos, as suas primeiras obras.

João Boltshauser, da Universidade de Minas Gerais, foi o único até os dias de hoje que se aventurou a traçar um panorama da história da arquitetura desde a antiguidade, incluindo a produção nas colônias europeias, portanto no Brasil, e sobre o urbanismo americano. Praticamente uma apostila que revela o esforço de um docente para ampliar a bibliografia sobre a história da arquitetura.

As três coletâneas: *Sobre Arquitetura*. Lúcio Costa (1962), organizada à revelia do próprio arquiteto, por Alberto Xavier, que reúne textos publicados na imprensa diária e especializada; *Barroco Mineiro* (1968) de Lourival Gomes Machado, uma coleção de ensaios e artigos escritos para o jornal O Estado de S. Paulo – suplemento literário - entre 1963 e 1967, e *Quadro da Arquitetura Brasileira* (1970) de Nestor Goulart Reis Filho que agrupa artigos publicados também no jornal O Estado de S. Paulo – suplemento literário entre 1963-69 - revelam, ao mesmo tempo, a importância da imprensa na divulgação da cultura arquitetônica e o interesse que a arquitetura despertava como fato cultural. Os dois únicos textos panorâmicos desse período concentram-se principalmente na produção carioca: *Arquitetura Brasileira* (1952) de Lúcio Costa, para a série Cadernos de Cultura do Ministério da Educação e Cultura e *Quatro séculos de arquitetura* (1965) de Paulo Santos, que foi escrito para a comemoração do IV Centenário do Rio de Janeiro, porém só editado como exemplar autônomo em 1977. Este último é o que dá mais atenção à produção eclética, porém restrito ao cenário carioca.

O ecletismo, claramente menosprezado pelas narrativas históricas brasileiras, mesmo as mais recentes, é um movimento que merece atenção. Trabalho pioneiro foi de FABRIS (1987) que organizou a publicação – *O Ecletismo no Brasil*, com introdução de Luciano Pateta e análise desse movimento em sete regiões brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Sul. Se na apresentação Fabris (1987:7) reconhece a importância desse movimento esquecido pela historiografia, "*que transcendeu a arquitetura e as artes, para caracterizar a própria mentalidade duma época*"; no seu artigo (p.283) em que analisa o debate travado entre os intelectuais paulistas sobre o ecletismo e sua pertinência à

realidade paulistana, Fabris descreve esse movimento como antagônico: *"fruto da revolução industrial, o ecletismo denota um descompasso profundo entre a instância econômica, audaciosa e inovadora e a instância estética, prudente e prevalentemente voltada para o passado, numa atitude que lembra o "gosto do antigo" de que fala Braudillard."*

Nessa edição, sobre a produção paulista, escreveu Carlos Lemos, que a classificou em nove categorias, a partir da seguinte definição, que considera a produção muito uniforme, quando a documentação aponta uma diversidade: *"A variedade passou a compor o cenário sem repetições, mas, ao mesmo tempo, homogeneizado pelas mesmas regras de composição, pelos mesmos ritmos das envazaduras que ganhavam predomínio sobre os cheios das alvenarias, as mesmas platibandas, os mesmos gabaritos reguladores. Era o Ecletismo."* LEMOS, 1987:74)

Na última década, é possível listar algumas pesquisas que têm se dedicado a esse fenômeno, buscando entendê-lo a partir dos objetos e de sua história, situando-o no contexto de sua época. A preocupação em aferir o grau de modernidade das obras desse período tem tolhido análises centradas no fenômeno artístico propriamente dito. As descrições de Carrilho sobre os edifícios Sampaio Moreira, 1923; Palácio do Comércio (1928); Saldanha Marinho (1927-30) e Banco São Paulo (1938) assumem esse compromisso, resgatando das próprias obras e de sua documentação as lições possíveis.

O debate entre acadêmicos e modernos travado no final dos anos 1920 e início dos anos de 1930, contribuiu para o preconceito que depois se lançou sobre essa arquitetura, pois as críticas desqualificavam os ecléticos. Sem entrar no mérito da qualidade arquitetônica propriamente dita, a crítica valia-se de argumentos morais, como se os autores desses projetos fossem plagiadores e não criadores, como a publicada no Diário Nacional sobre os projetos para o concurso para o Palácio do Governo, quando a ousada proposta de Flávio de Carvalho, suscitou muitos comentários:

*"Quase todos eram cópias. Não havia nenhuma criação. Ora, a arquitetura é uma arte. Uma arte política, religiosa e social. É pelos monumentos que se avalia o grau de civilização de um povo. E na história, as civilizações são caracterizadas sobretudo pela inovação. Isto só começou a ser compreendido nestes últimos anos. Porque até há poucos lustros, os engenheiros não faziam mais que copiar uns aos outros. E o hábito, essa preguiça de raciocinar para criar logicamente cousas novas, fez com que, durante centenas de anos, o homem não fizesse mais que copiar. E essa é a razão por que ainda hoje, em pleno século XX, se constroem edifícios como o mesmo estilo de há 2 ou 3 mil anos, e que são portanto incapazes de definir a nossa época de grandes descobertas científicas, o nosso atual estado mental. Justamente esse fenômeno, para não dizer preguiça de criar, observei-o no concurso do Palácio do Congresso. Quase todos os projetos são cópias de outros projetos, que por sua vez são cópias de outros. Em todos notei colunas falsas, vigas ocas, dentes simbolizando os caibros da estrutura dos telhados gregos, lintéis proporcionados para a resistência do material da Grécia antiga, mas não adaptáveis ao nosso século da eletricidade e do cimento. Em alguns, até, reconheci as características do estilo adotado em França no século áureo de Luís XIV! E em pleno século XX, quando em todos os países cultos se pensa em criar, criar..."<sup>1</sup>*

Ou o comentário de Antônio RAPOSO, pseudônimo de Oswaldo Costa, a respeito da casa do Pacaembu projetada por Warchavchik, publicado no Correio Paulistano, em abril de 1930:

<sup>1</sup> OS ANTEPROJETOS do Palácio do Congresso são cópias de estilos antigos. Diário da Nacional, São Paulo, 1 mar. 1929.



*“Por que o homem moderno é alegre? Por que sua casa é alegre. E por que os moradores das casas Luís XV e outros Luíses são, como já observei, pessoas taciturnas, tristes, sombrias? porque moram nessas casas. Assim, enquanto Warchavchik contribui para tornar a vida de São Paulo agradável, esportiva, boa de ser vivida, o passadismo inculto contribui para crescer as estatísticas de suicídio, para espalhar manias de perseguição e criar focos de epidemias nas suas residências sem ar, sem luz, sem conforto, inadaptáveis ao nosso clima, às nossas condições de existência, à nossa índole.”<sup>2</sup>*

Ideias essas, de certa forma, corroboradas pelo canônico texto de Lúcio Costa, de 1934 e publicado na revista do SPHAN em 1942 – *Razões da Nova Arquitetura*. Com a delicadeza que lhe é peculiar e muito didático, identificando a crise da arquitetura com o advento da máquina, COSTA, aponta o descompasso entre a engenharia e arquitetura tomando como exemplo os arranha-céus americanos:

*“Enquanto os engenheiros americanos elevam a uma altura nunca antes atingida as impressionantes afirmações metálicas da nova técnica, os arquitetos americanos - vestindo as mesmas roupas, usando os mesmos cabelos, sorrisos e chapéus, porém desgostosos com o passado pouco monumental que os antepassados legaram, e sem nada compreender do instante excepcional que estamos vivendo - embarcam para a Europa, onde tranquilamente se abastecem das mais falsas e incríveis estilizações modernas, das mais variados e estranhos documentos arqueológicos, para grudá-los - com o melhor cimento - aos arcabouços impassíveis, conferindo-lhes assim a desejada dose de dignidade.” COSTA (1997:112)*

Muitos dos nossos destacados arquitetos modernos, Oswaldo Bratke, Eduardo Kneese de Mello, João Vilanova Artigas e o próprio Lúcio Costa começaram como ecléticos, e chegaram à arquitetura moderna por diferentes caminhos. Os paulistas foram, principalmente pela prática dos canteiros de obras, aos poucos se aventurando às conquistas modernas. Pela racionalidade construtiva chegaram a uma síntese formal, valendo-se da própria solução estrutural e dos elementos construtivos à depuração dos elementos decorativos. Contudo, cabe lembrar que depois de assumida a linguagem moderna, não só não mais voltaram a usar o repertório acadêmico, como sentiam-se incomodados em lembrar dessa produção. Artigas, entre 1942, quando projetou sua primeira casa já organicamente moderna e 1949, quando projetou sua segunda residência corbusianamente moderna, realizou ainda muitos projetos ecléticos, entretanto esse período apresentado pela historiografia corrente como wrightiano, sugere que maioria de seus projetos dessa fase fosse de filiação às ideias do arquiteto americano, quando são minoria. E curiosamente, Warchavchik, o introdutor das ideias modernas, que tanto debate provocou, tem entre seus projetos dos anos 1950, alguns acadêmicos.

Provavelmente o mais autêntico arquiteto eclético, tenha sido Victor Dubugras, que em 1905, primou pelo ineditismo, com um ousado projeto moderno para a Estação Mairinque, que nem mesmo os promotores da Semana de Arte Moderna de 1922 souberam identificá-lo, e seguiu experimentando sem restrições: neogótico, neorenascentista, art nouveau, neocolonial, sempre com uma arquitetura de qualidade excelente, e que, curiosamente, não se aventurou a

---

<sup>2</sup> RAPOSO, Antônio, pseud. (Oswaldo Costa). Warchavchik e a casa do Pacaembu. Correio Paulistano, São Paulo, 15 abr. 1930.

outras especulações da linguagem moderna. A quem os historiadores, não se conformando em classificá-lo como eclético atribuíram-lhe o rótulo de protomoderno<sup>3</sup>.

Os mesmos motivos usados pelos críticos para desqualificar o ecletismo, como sua origem estrangeira desvinculada da realidade brasileira e a dissociação entre técnica e estética, serão decisivos na valorização da arquitetura moderna brasileira, entendida como adequada ao clima e com estreita relação entre recursos tecnológicos e composição plástica. A análise dos edifícios apresentados neste simpósio, a partir de documentação primária, traz outros elementos que enriquecem o seu significado no panorama da arquitetura brasileira. Construídos na região central de São Paulo, entre as décadas de 1923 e 1950, conformam a terceira cidade identificada por Benedito Lima de Toledo<sup>4</sup>, integram o processo de verticalização da capital com obras ecléticas e modernas, ilustrando a sobreposição e a suave passagem dos movimentos arquitetônicos. A detalhada descrição dos edifícios ressaltando a racionalidade construtiva, a funcionalidade, os elementos decorativos característicos do ecletismo, o despojamento da linguagem moderna, permite-nos estabelecer relações com a história da arquitetura e da cidade de São Paulo. São análises que entram no mérito arquitetônico, identificando seus elementos compositivos e construtivos, cuja documentação recupera a trajetória entre os primeiros croquis, a obra executada e seu uso ao longo do tempo, sendo algumas reconhecidas como patrimônio arquitetônico, cujas intervenções posteriores são também exemplares do campo da preservação. Organizadas em três categorias, a primeira contempla a diversidade dos projetos nas décadas de 1920 e 1930; a segunda concentra-se no edifício Conde Prates e a terceira na reforma do Edifício Barão de Iguape, na década de 1980.

O conjunto de desenhos do Edifício Sampaio Moreira que abrange o processo criativo com extenso detalhamento; projeto de prefeitura e estrutural, abre um leque de questões do ponto de vista do uso e ocupação do solo, da tecnologia disponível e das investigações estéticas na época; do preparo dos profissionais para enfrentar o novo desafio; o impacto dessa nova tipologia no ambiente cultural e artístico da cidade e na própria disciplina.

Um dos trinta edifícios com mais de 25 metros de altura na cidade, na década de 1930, (SOMEKH: 1997:89), a maioria para uso comercial e em linguagem acadêmica, o Sampaio Moreira, com seus 14 pavimentos, era tido como de excepcional altura pelos registros da época e pela documentação inventariada. Enquanto no Rio de Janeiro, é possível verificar a tipologia habitacional ganhando altura na orla marítima com linguagem art déco e moderna. Se considerarmos a verticalização como um indicador de modernização, dado o uso de tecnologias avançadas como estrutura de concreto e elevadores, o cenário paulistano se equiparava a outras capitais, como apontado por Segawa (1995:63) que dedicou um subcapítulo, da sua narrativa, aos arranha-céus; mas certamente se mostrava muito tímido se comparado ao cenário carioca, seja do ponto de vista da quantidade como da inovação.

Fig.1 Panorama Rio de Janeiro - Botafogo década de 1930. Arquivo Hugo Segawa.

---

<sup>3</sup> Ver Goulart Reis Filho, Nestor. *Victor Dubugras*.

<sup>4</sup> ver TOLEDO, Benedito Lima de. São Paulo : três cidades em um século.



Fig. 2 - Copacabana - década de 1930. Acervo: Hugo Segawa.



Figura 3 - Área Central de São Paulo - década de 1940. Acervo Hugo Segawa.



A habitação em altura na capital paulista foi penetrando mais tímida e lentamente, sendo o primeiro edifício de apartamentos de 1932 - Columbus - projetado por Rino Levi. A razão talvez em uma conjuntura menos propícia dadas as condições geográficas, que permitiam uma ampliação mais fácil da malha urbana, e de costumes relativos a uma sociedade ainda arraigada à forte tradição do modo de morar rural, embora o Edifício Esther, de 1935, na praça da República, de uso misto inclusive habitacional, tenha sido uma iniciativa de um tradicional empresário do setor agrícola, e na década de 1940, são muitos os projetos de edifícios residenciais projetados por Bratke, Rino Levi, Artigas, Kneese de Mello. Mas, na década de 1920, o projeto do Sampaio Moreira, originalmente concebido para habitação, foi alterado para salas comerciais, que na falta de uma justificativa, é possível supor que o edifício de escritórios naquele lugar representaria um investimento economicamente mais seguro.

Quanto à implantação, conforme observado por Carrilho no artigo para este simpósio, confrontando a volumetria e o desenho do térreo com as normas de ocupação do solo, verifica-se a pressão pelo aproveitamento do maior índice construtivo, que vem balizando a morfologia urbana paulistana desde fins do século 19 e minimizando a interferência do arquiteto no desenho da cidade. A análise comparativa entre os planos urbanísticos e a aprovação do edifício possibilita uma melhor compreensão da relação entre a arquitetura e o planejamento, e no processo de adensamento da área central. A verticalização, seja como indutora da transformação, ou como consequência dos planos urbanísticos, exigiu a reflexão sobre a reestruturação do território, pois crescer em altura envolvia adequar a infraestrutura urbana e garantir insolação em todos os cômodos e não tolher a dos vizinhos, a que o poder municipal estabeleceu diretrizes através de leis e decretos que passaram a regulamentar as construções, tema detalhadamente analisado por Somekh (1987), e comentado por Carrilho (2014), ressaltando sua adequação à Lei 2332 e à proposta de Victor Freire para o anel que

circundava o Triângulo, especialmente nos eixos formados pelas ruas Libero Badaró e Boa Vista.

A tramitação quanto à aprovação dos desenhos de estrutura informam-nos sobre o processo de assimilação da tipologia vertical na cidade de São Paulo, cujo rigor na avaliação da solução proposta pode, por um lado, indicar certa desconfiança quanto à segurança da construção, apesar da campanha de divulgação dos empreiteiros da construção civil e dos fabricantes de elevadores alardeando suas facilidades, e por outro, explicitar a capacitação e atribuição dos profissionais envolvidos. O questionamento por parte dos técnicos da prefeitura da solução estrutural apresentada, solicitando desenhos complementares, indica a exigência de uma documentação mais ampla para a aprovação dos projetos, do que a solicitada atualmente, quando se analisam projetos com base em plantas e cortes na escala 1:100. A justificativa pode estar não apenas na precaução para a implantação de uma nova tecnologia, mas na própria atribuição dos arquitetos, uma vez que eram também engenheiros, e entendiam por arquitetura a obra construída, pela qual eram, na maioria das vezes, os responsáveis.

O modelo de arquiteto criado pelos cursos em vigor naquele momento tinha por base a trajetória do criador do curso da Politécnica - Ramos de Azevedo, que projetava e executava todos os seus projetos, constituindo a construtora como o campo de trabalho dos arquitetos, modelo que vigorou entre os arquitetos paulistas até a década de 1950. Rino Levi foi o primeiro a ter um escritório só de projetos no início em 1933. Assim, o processo executivo, incluindo estrutura e instalações, e extenso detalhamento construtivo eram inerentes à arquitetura, como comprova o conjunto de desenhos desse edifício.

O cuidadoso inventário realizado suscita ainda outras indagações. A primeira refere-se à filiação da composição. O debate da época travado na imprensa revela o persistente compromisso de Stockler das Neves com os estilos franceses das dinastias de Luis XIV, XV e XVI, e a quais delas poder-se-ia classificar o edifício Sampaio Moreira? A segunda diz respeito à relação entre composição e tipologia. Segundo a historiografia, o ecletismo associava estilos a tipologias, como gótico às igrejas, barroco aos espaços teatrais, edifícios administrativos ao renascentismo, como esse aspecto pode ser verificado nesse edifício, cujo primeiro projeto destinava-se à habitação e depois foi adaptado a salas comerciais, houve mudança de elementos decorativos? Para que público, destinar-se-iam os apartamentos do Sampaio Moreira, caso tivesse vingado o primeiro projeto?

O Palácio do Comércio, projetado em 1928 pelo Escritório Técnico Ramos de Azevedo, especificamente para abrigar a Bolsa de Valores de São Paulo, um programa novo de organização mais complexa que foi organizado em três setores, que exigiu acessos e circulações particulares e cuja composição ostentando certa monumentalidade integrou-o ao conjunto administrativo que o circundava, marcando sua participação na paisagem da cidade. A estrutura independente de concreto articula-se a uma diversidade de materiais e profusão de elementos decorativos de distintas ordens clássicas, fazendo desse projeto um exercício da liberdade de criação sem qualquer restrição, que dificultam a filiação desta obra a qualquer das referências históricas. Uma composição muito distinta da anterior, que contradiz a noção de homogeneidade atribuída às obras ecléticas.

A descrição das composições acadêmicas apresentadas neste simpósio resgata vários elementos compositivos raramente analisados, recuperando um repertório de termos

arquitetônicos que, superados pelo movimento moderno, caíram em desuso, tornando-se desconhecidos nas gerações seguintes: bossagens; modilhões; donjons; acrotérios, volutas, capitéis, e tantos outros, cumprindo por tabela, o papel de disseminar a cultura arquitetônica.

A trajetória do Saldanha Marinho é uma história per si. De concurso para Sede do Automóvel Clube, em 1927, ganho por Christiano Stockler das Neves, reestruturado por Elisário Bahiana, no início dos anos 1930, mudou de programa e proprietário - escritórios e Companhia Paulista de Estradas de Ferro - sob a orientação do engenheiro Dácio de Moraes. De concepção original em estilo Luís XVI modernizado, foi inaugurado como o primeiro art decó da cidade. A documentação traz a história do concurso, as plantas modificadas com salas mais amplas, a relação com a cidade, mas pouca atenção foi dispensada ao novo estilo introduzido por essa obra. Normalmente referenciado como um movimento de transição entre a linguagem acadêmica e a moderna, o Art Decó tal como o ecletismo tem pouca presença na historiografia, porém com menos preconceito. As obras decó facilmente identificáveis pelos seus estilemas têm rendido algumas investigações acadêmicas. A sua maior difusão no Brasil deu-se na era Vargas, através das obras públicas, especialmente para os projetos padrão, como os dos Correios, Hospitais e edifícios administrativos, mas também para sofisticadas sedes empresarias como o Banco de São Paulo, de 1935.

Projetado por Alvaro Botelho, esse edifício, segundo Carilho, de filiação neogótica, tem no detalhamento uma de suas contribuições à arquitetura. Da solução estrutural ao desenho dos elementos decorativos, à seleção e ao encontro dos materiais, foi pensado em perfeita sincronia, de modo a constituir uma unidade indivisível, no qual cada elemento tem seu papel no arranjo final.

O edifício Germaine, de 1941, no largo Paisandu, originalmente concebido para apartamentos de um dormitório e kitchenetes, na década de 1970 foi transformado em hotel, e mais recentemente, após reforma, voltou a seu uso original. De estrutura independente de alvenaria, a sua volumetria em forma de ferradura se abre para um pátio, que serviu de referência a outras obras na região central, como as Grandes Galerias. . A composição final é claramente moderna, sendo a volumetria em curva, um exemplo das inúmeras possibilidades do concreto, esta sim, uma das maiores qualidades desse material para além da fachada livre, que foi precocemente assimilada por Oscar Niemeyer.

O edifício Conde Prates, conforme pesquisa de Alessandro Castroviejo, teve como o Saldanha Marinho uma trajetória com muitas mudanças. Originalmente concebido, em 1945 por Elisário Bahiana, foi executado segundo projeto de Giancarlo Palanti e de Alfredo Mathias, de 1952. A pesquisa identificou três projetos distintos, para a mesma solução estrutural, inicialmente concebido para uma fachada de inspiração acadêmica, acabou executado em cortina de vidro, a exemplo de alguns outros que já pontuavam a paisagem da cidade - Jornal Estado de S.Paulo, CBI Esplanada, ABC; comprovando que nos anos de 1950, a arquitetura moderna já conformava a paisagem da área central da cidade e constituía o modelo a ser seguido, praticamente simultâneos aos paradigmáticos arranha-céus americanos: Pan-am; Lever House e Seagram Building.

A análise do Edifício Barão de Iguape (1956) por Cecília Rodrigues do Santos é um raro documento sobre intervenções no patrimônio moderno. Também fruto de mudanças de projeto e autoria, o projeto inicial de Jacques Pilon, a reestruturação pela firma americana



SOM - Skidmore, Owings and Merrill, em 1984 teve a intervenção de Aurelio Martinez Flores. Esta última, talvez a mais interessante para este debate, por tratar-se de uma experiência pioneira, cuja documentação permitirá o conhecimento dos princípios que nortearam o projeto, embora não encomendado como restauro, a atitude do arquiteto frente ao desafio lançado evidencia sua compreensão da arquitetura como um bem cultural, cujo enfiamento como projeto de atualização segundo as novas demandas proporcionará muitos desdobramentos, tendo em vista tratar-se de uma atitude rara para a época.

A preservação da arquitetura moderna depois da criação do DOCOMOMO tem sido objeto de muitos estudos, com mais atenção à documentação do que à preservação, cuja análise aqui apresentada abre caminho para muitas especulações: o custo, a dificuldade de adaptação; substituição de material, industrialização, e a própria essência da arquitetura moderna com base na constante renovação, temas recorrentes na discussão sobre o restauro da arquitetura moderna. A definição do que é moderno permanece como uma questão, e curiosamente, o aprofundamento das investigações tem contribuído mais para a ampliação do quadro da produção moderna, tornando-o cada vez mais indefinido e complexo do que para uma delimitação mais clara e precisa desse movimento, como é possível verificar através das análises aqui apresentadas. Nesse sentido, a construção de narrativas históricas sobre a arquitetura moderna a partir dos objetos e de sua documentação abre novas perspectivas de leituras, demandando constante revisão das tramas estabelecidas.

O tema do programa Case Study Houses, lançado em 1945 pela revista Arts & Architecture para a construção da moradia moderna americana no pós-segunda guerra: "*Built to be modern x Built to look modern. It is necessary more than a modern design to be a house truly modern.*"<sup>5</sup>

O desenho não é o único determinante de uma obra moderna, mas questões tecnológicas e sociais pertinentes ao ato criativo também não são suficientes para definir uma obra moderna, como vimos nas obras aqui analisadas. Talvez esteja aí a riqueza da arquitetura moderna, nesta imbricada rede de relações que estabelece e da qual é dependente.

### Referências Bibliográficas:

- ANTEPROJETOS do Palácio do Congresso são cópias de estilos antigos. *Diário da Nacional*, São Paulo, 1 mar. 1929.
- BRANCO, Ilda Helena Diniz Castello. *Arquitetura no centro da cidade: edifícios de uso coletivo: São Paulo, 1930-1950*. São Paulo: USP, 1995. Mestrado.
- BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. *Ramos de Azevedo*. São Paulo: Edusp, 2000.
- COLLINS, Peter. *Los ideales de la arquitectura moderna; su evolución (1756-1950)*. Barcelona: GG, 1998.
- COSTA, Lúcio. *Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
- Guia da arquitetura Art Decó no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Prefeitura Municipal, Secretaria Municipal de Urbanismo, 1997.

---

<sup>5</sup> *Arts & Architecture*, n. 45, Los Angeles, jan.1945.



- FABRIS, Anna Tereza (org.) *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel/USP, 1987.
- FABRIS, Anna Tereza. O ecletismo à luz do modernismo. In FABRIS, Anna Tereza (org.) *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel/USP, 1987.
- LEMOS, Carlos A. C. *Arquitetura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1977.
- LEMOS, Carlos A. C. – Ramos de Azevedo e seu escritório. São Paulo: Pini, 1985.
- LEMOS, Carlos A. C. Ecletismo em São Paulo. In FABRIS, Anna Tereza (org.) *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel/USP, 1987 (p.68-103)
- MINDLIN, Henrique. *Modern architecture in Brazil*. Rio de Janeiro: Colibris, 1956.
- PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. *Modernizada ou Moderna? A arquitetura em São Paulo, 1938-1945*. São Paulo: FAU/USP, 1997. Doutorado.
- RAPOSO, Antônio, pseud. (Oswaldo Costa). Warchavchik e a casa do Pacaembu. *Correio Paulistano*, São Paulo, 15 abr. 1930.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Racionalismo e Proto-Modernismo na obra de Victor Dubugras*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1997.
- SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil. 1900-1990*. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2002.
- SOMEKH, Nadia. *A cidade Vertical e o urbanismo modernizador*. São Paulo: EDUSP, Studio Nobel, 1987.
- SOUZA, Ricardo Forjaz Christiano de. *Trajetórias da Arquitetura Modernista*. Caderno 10. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1982.
- Vilariño, Maria do Carmo. *Habitação verticalizada na cidade de São Paulo dos anos 30 aos anos 80: investigação acerca da contribuição dos arquitetos modernos ao tema; estudo de casos*. São Paulo: FAU/USP, 2000. Mestrado.
- XAVIER, A. *Arquitetura moderna paulistana*. São Paulo: Pini, 1985.